

**TORNAR-SE PROFESSOR: MEMÓRIAS, COTIDIANO E HISTÓRIAS DA
FUNDAÇÃO DA FAFOPA (1969-1980)**

Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva¹

RESUMO

A faculdade de formação de Professores de Arcoverde foi formalmente instituída em agosto de 1969, após uma articulação entre segmentos sociais da cidade de Arcoverde, como as forças políticas locais e a diocese. Ideia que rapidamente foi recebida com toda a empolgação por parte da sociedade arcoverdense, mas que se espalhou para outras cidades da região do Moxotó e de outras regiões do sertão pernambucano e de estados adjacentes, que faziam limites com a cidade caso da Paraíba e de outros locais que se encontravam num raio de distância maior como o caso de cidades de Alagoas e do estado da Bahia. O surgimento dessa iniciativa, num momento no qual, em outros estados, vivenciava-se um processo de expansão do ensino e qualificação de mão de obra, no caso de Pernambuco, não aconteceu. A recém-fundada Universidade de Pernambuco continuava a ser, exclusivamente, Universidade do Recife, pois essa IES, a despeito de sua denominação, supostamente, definir a abrangência de todo Estado, circunscrevia, apenas, a capital. Nesse sentido, a nossa comunicação tem como objetivo pensar no processo de estruturação do ensino superior no sertão pernambucano, tomando, como exemplo, a experiência da Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde, que, mesmo tendo um foco específico da qualificação para o exercício do magistério, exerceu uma função mais ampla de qualificar, a nível de ensino superior, aqueles que encontravam-se privados no contexto de uma formação universitária mesmo que não fossem exercer as atividades docentes, o que mostra muito da ausência de políticas públicas mais articuladas no processo de estruturação do ensino superior nos sertões nordestinos e, particularmente, no pernambucano.

Palavras-chave: Ensino Superior, FAFOPA, Arcoverde, História, Memória e cotidiano.

EDUCAÇÃO SUPERIOR EM PERNAMBUCO E ARCOVERDE 1950-1960

De forma geral, até o final dos anos 1960, em Pernambuco, o ensino superior era franqueado praticamente na cidade do Recife, e poucos locais no interior do Estado, como era o caso de Caruaru, através da iniciativa de grupos vinculados a Diocese de

¹ Doutor em História pela UFPE, professor do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Arcoverde e dos cursos de História, Direito, Psicologia e Fisioterapia da AESA-CESA-ESSA. E-mail: cesar_historia@hotmail.com.

Caruaru, como foi o exemplo da faculdade de Filosofia de Caruaru, iniciativa daquela diocese para formação de profissionais no campo das ciências sociais e da filosofia, que em alguma medida, além de colaborar na formação de toda uma demanda reprimida de profissionais que pretendiam o ensino superior, não deixava também, de ser uma ação para a formação do clero local.

Outro movimento de expansão do ensino superior deu-se através da descentralização da oferta de cursos pela Fundação de Ensino Superior de Pernambuco (FESP), escola que congregava cursos de Enfermagem, Educação Física e Licenciaturas, que em meados da década de 1960, passou a ser ofertado em dois campi fora do Recife, nas cidades de Garanhuns em 1966/68 e em Petrolina, neste último caso, utilizando-se de lei municipal que pretendia a fundação de instituição de ensino superior que depois foi incorporada a Fundação de Ensino Superior, futuro embrião da Universidade de Pernambuco (UPE). Esse processo de interiorização do ensino superior no Estado, que se desenvolvia de maneira tímida, foi também desejado pelas elites políticas da cidade de Arcoverde, porém a cidade não foi contemplada com um núcleo de cursos da FESP, mesmo depois dos esforços envidados por suas lideranças junto ao governo do Estado, e devemos neste caso, destacar o papel do então deputado Airon Rios, que não conseguiu trazer para a cidade cursos de ensino superior.

Essa realidade de expansão econômica vivenciada por Arcoverde, desde pelo menos a década de 1950/1960, com a diversificação e ampliação do seu comércio, além do estabelecimento de órgãos do Estado, e pelo fato de que pelo menos durante quase 40 anos, a cidade constituir-se na linha final dos “trilhos do trem”, colaboraram para que um impulso econômico mediatizado por trocas comerciais que se davam entre o sertão mais profundo de Pernambuco e de outras localidades acorrem para Rio Branco e depois Arcoverde, seja para levar gado e realizar negócios na cidade faziam da “terra do Cardeal”, uma zona econômica importante na região. Destaque que, em alguma medida, seguia-se ao processo de diversificação e ampliação dos setores de serviço seja no campo médico ou educacional.

No caso do primeiro, a inauguração da Unidade de saúde Agamenon Magalhães, fruto do trabalho do deputado José Batatinha, que depois deu origem ao Hospital Regional Ruy de Barros Correia, pode ser compreendido dentro desse processo de ampliação e diversificação que a cidade começou a atravessar e que em grande medida, colaborou para tornar Arcoverde numa cidade para a qual muitas cidades do sertão mais profundo deslocavam-se seja para fazer negócio levando ou recebendo gado, ou mesmo, utilizando do seu comércio. A inauguração no final da década de 1940, do Ginásio Cardeal Arcoverde, obra da Diocese de Pesqueira, somou-se neste processo de expansão pois, a cidade passou então a contar com um ginásio, o que colaborava no processo de desenvolvimento local, levando as classes intermediárias, fundiárias ou comerciais e, até mesmo, membros das elites locais a remeterem à cidade seus filhos no sentido de efetivar a formação educacional que não possuíam em suas cidades.

Teofanes Chaves Riberio (1951), num livro publicado no início da década de 1950 a respeito da cidade de Arcoverde, traça o perfil socioeconômico da cidade além de apontar dados importantes a respeito da sua organização histórica. Um elemento que é possível observar neste texto que não deixa de ser panfletário, é o lugar que o comércio e os serviços possuíam no processo de desenvolvimento desta cidade, colaborando assim, na construção de uma visão a respeito da cidade que se estabeleceria como lugar de progresso, discurso que de alguma maneira construiu uma concepção no interior das elites locais e até mesmo, na representação da cidade, de um espaço de desenvolvimento, o que em grande medida, congregou no final dos anos 1960, os esforços daqueles que lançariam a ideia da construção de uma Instituição de Ensino Superior na cidade.

A compreensão desse desenvolvimento que parecia viabilizado pela ampliação do setor de serviço e neste caso específico, o educacional, com a instalação do Colégio Cardeal Arcoverde, que no final das décadas de 40 e 50, ofertava o ginásio e já nos anos 1960 o chamado 2º grau, pode ser pensado como um destes espaços importantes na reunião de profissionais que passam a sonhar com a possibilidade instaurar uma Faculdade na cidade. A professora Celia Coelho, em depoimento fornecido no dia 26 de

março de 2019, perscrutando os espaços acessíveis das suas memórias, fornece de maneira bem elaborada uma visão a respeito da constituição da FAFOPA. Esta professora que havia se formado em Odontologia, no início dos anos 1960, volta para Arcoverde e inicia sua vida profissional no campo profissional que havia se formado, porém devido uma questão de saúde, devido a problemas de coluna, por recomendação médica é orientada a se afastar do exercício da Odontologia, sendo então reinserida no campo profissional no campo da docência. (COELHO, 2019)

O testemunho fornecido pela professora, a respeito da sua entrada no campo da educação desempenhada no colégio Cardeal Arcoverde, demonstra como ela desperta para uma atividade profissional na qual ela não se sentia vocacionada, por mais que este fosse o destino “natural”, para as moças em meados do século passado. Além de toda a narrativa empreendida, um traço importante destacado pela nossa depoente, reside no fato de que ela se encontrava num dos espaços centrais no processo de estruturação do projeto da criação da FAFOPA, uma vez que o Colégio Diocesano Cardeal Arcoverde, através da colaboração da Diocese e incentivo de jovens padres que haviam se formado em vários Institutos de Ensino Superior no Brasil e na Europa, haviam voltado para a Diocese e começavam a desempenhar funções sacerdotais, mas ao mesmo tempo, por uma questão de carência de profissionais, desempenhavam funções docentes tanto no colégio quanto em outras instituições educacionais.

JUNTANDO ESFORÇOS E MATERIALIZANDO SONHOS: A CRIAÇÃO DA FAFOPA (1969)

Quando recorremos aos documentos oficiais que apresentam o processo de organização da FAFOPA, lançamos o nosso olhar sobre a Ata da sessão da Câmara de vereadores ocorrida no dia 25 de julho de 1969 e a lei 1.169 do dia 07 de agosto do mesmo ano que cria a faculdade de formação de professores do 1º ciclo de Arcoverde. Tanto a Ata da reunião quanto a lei podem ser compreendidas como espécies de “certidões de nascimento” da instituição. Neste tocando, quando analisamos o processo de constituição da FAFOPA, é importante observar que o desejo da sua materialização é

arquitetado, em várias frentes das quais inclusive já destacamos em passagens anteriores deste texto. Para pensarmos e ao mesmo tempo, analisarmos do ponto de vista histórico o processo de organização da FAFOPA, é importante voltarmos o nosso olhar para estes dois documentos, no sentido de que seja possível compreender as articulações e a trama que estrutura a concretização desta IES.

Ao analisarmos a narrativa da reunião dos vereadores acontecida na sexta-feira, 25 de julho do ano de 1969, dentre os vários expedientes que foram enviados para apreciação dos vereadores consta o projeto de lei 11/69, que passou a ser apreciado pela Câmara e havia sido encaminhado pelo prefeito Giovani Porto (1969-1973), pudemos, ao longo da análise da ata da referida sessão, observar o caráter de agilidade em debater e aprovar o projeto encaminhado pelo executivo municipal, dentro do que foi possível verificar, não encontramos nenhuma interposição ao projeto, sendo o mesmo saudado, pelos vereadores. O parlamentar Augusto Amorim Cavalcanti apresentou requerimento verbal, para que fosse enviado tanto ao governador do Estado quanto ao deputado Airon Rios, congratulações pela criação da faculdade em Arcoverde.

Ao destacar essa moção às autoridades, o vereador em questão procurava de alguma maneira inscrever a visão de que o processo de organização da Faculdade local, constituía-se numa obra política no qual estas duas lideranças tinham participado ativamente. A construção de tal versão histórica, no caso de destacar o papel desempenhado pelo menos pelo líder político local, o deputado Airon Rios, não é de todo infundada. Pelo fato dele, ter sido o idealizador político do processo como bem destaca o prefeito da época Giovanni Porto.

No depoimento que foi coletado o prefeito que assinou a lei de criação é enfático em destacar a importância e o trabalho do deputado Airon Rios, na frente idealizadora da FAFOPA, pleito que segundo o prefeito à época, foi ensejada por Rios. Giovanni Porto ao rememorar o trabalho desenvolvido por pelo deputado pernambucano, procurou destacar que o parlamentar esteve a frente de um conjunto de iniciativas que de alguma maneira, ajudam a compreender, as transformações atravessadas por Arcoverde, desde o final da década de 1940 e ao longo das décadas de 1950/60, devido

aos fortes laços sentimentais, aliado solida base política, que Airon Rios desfrutava, muitas vezes contrastando-se às lideranças descritas por Porto como tradicionalistas, que em grande medida, ligavam-se a família Brito.

Ao destacar a sua participação enquanto prefeito no processo de formalização da Instituição de Ensino Superior local, Giovanni colocava-se numa posição coadjuvante, no sentido de pensar o processo de concretização da Faculdade, como obra de Airon Rios. Quanto ao papel do deputado pernambucano, o prefeito que criou a lei que instalava a FAFOPA, assim apresenta, o processo de constituição da IES:

O grande fator da criação da faculdade chama-se Airon Rios, podem querer impedir, empanar não a dúvida, Airon é o grande Artífice da faculdade, essa é que é a verdade. Claro, ah, ah lei que a mandou foi eu, que era o prefeito criando a faculdade que a criou através de lei fui eu. Mas na verdade o grande autor de tudo foi Airon, essa que é a verdade, outros vão querer dizer Inocêncio num sei quem , num foi! O grande lutador pela Faculdade foi Airon. (PORTO, 08 de março de 2019).

Ao explorarmos o testemunho de Giovanni Porto, é possível vislumbrarmos algumas questões que merecem ser problematizadas, com relação a essa fonte oral. Primeira questão que se apresenta relaciona-se ao fato de observarmos que ao falar do papel desempenhado pelo deputado Airon, o prefeito à época, procura endossar e ao mesmo tempo destacar a importância do parlamentar, compreendida por ele como muitas vezes “esquecida”, condição que através da sua narrativa ele pretende superar e reformular, realizando de maneira veemente, colocando Rios numa posição de inventor da FAFOPA, contrapondo-se a visões às vezes estabelecidas até mesmo pelo papel que a Diocese possuiu no processo de que a entrada de representantes desse segmento assumiram uma posição secundária.

Mais na frente na sua fala, Porto não deixa de reconhecer o papel que a Diocese através dos Padres Inocêncio, Delson e Osvaldo desempenharam, amparados pelas bênçãos de Dom Mariano Aguiar, inclusive, para que o funcionamento da nova Instituição funcionasse no prédio do colégio Cardeal, no campo das barganhas políticas do acordo trilateral que ajudou na fundação da FAFOPA, além da força política representada pelo Deputado Airon, para estruturar a maneira como a instituição seria

organizada do ponto de vista jurídico, a presença da Diocese através dos padres que desempenhavam funções docentes foi importante, uma vez que, devido à experiência e a formação acadêmica deles, colaborava na constituição da IES. A importância da Igreja neste consórcio, fica tão evidenciada ao longo do processo, mesmo com o endosso de Giovanni em destacar a ação central de Airon, que a direção da Faculdade foi desempenhada inicialmente pelo Padre Delson Cursino que acumulava também, a direção do Colégio Diocesano. (PORTO, março, 2019)

A despeito das batalhas de memória, no sentido de enfatizar quem teria sido o idealizador principal da FAFOPA, é possível evidenciar duas perspectivas uma delas apresentada por Giovanni que tende a enfatizar o papel de Airon Rios a frente do processo, e que foi auxiliado depois pela Diocese e, até mesmo, a Gerência local de Educação. E outra perspectiva é que, muitas vezes, é possível observar na memória local quando conversamos com pessoas da cidade e até mesmo professores da instituição, que invisibilizam o papel desempenhado pelo deputado.

Disputas à parte, o importante é compreendermos esse processo de constituição da IES, circunscrito numa perspectiva mais geral que passa pelo desenvolvimento da cidade de Arcoverde, mas, ao mesmo tempo, as políticas que foram capitaneadas ao longo dos governos militares de implantação de faculdades de primeiro ciclo como objetivo de expansão de mão de obra no campo da educação, área carente em profissionais que tivessem formação na área da educação. Tal processo em grande medida é fruto da expansão da educação nas cidades do interior do Brasil, que passavam com um atraso considerável a usufruir de ginásios e algumas de escolas secundárias, então existia uma demanda por formação uma vez que muitos dos professores que lecionavam nestas escolas, quando não eram leigos, os convocados para exercer a docência eram os profissionais da área do Direito, Medicina, Engenharia ou outras habilitações que existiam na cidade, tinham formação universitária desempenhavam a função de professores. Do ponto de vista legal, esses profissionais faziam provas de suficiência ou recebiam por parte dos órgãos competentes autorização para desenvolver atividade ligada ao ensino, devido à falta de mão-de-obra educacional qualificada.

Como foi possível atestar em muitos dos depoimentos que foram coligidos, estes profissionais que possuíam formação universitária diversa, aprendiam a ser professores no exercício prático da função, mesmo que no caso de muitos da primeira geração de professores da FAFOPA, a instituição tivesse realizado um esforço no sentido de, mesmo não tendo à área de formação específica, eles se qualificassem através de cursos de pós-graduação *Lato sensu* e outros cursos de formação que garantiam-lhes a inserção da discussão no campo de formação de professores do primeiro ciclo. A revista PELEJA, órgão acadêmico que foi inaugurado no ano de 1979, em comemoração ao primeiro decênio das atividades da FAFOPA, fornece dados a esse respeito, o do esforço e das parcerias que a Faculdade estava construindo no sentido de qualificar os seus docentes. Nesse sentido, parcerias com a Pontifícia Universidade de Minas Gerais, em Belo Horizonte, fizeram parte dos esforços que a instituição procurou construir no sentido de que o seu corpo docente possuísse a formação necessária ao desenvolvimento das atividades docentes universitárias.

A passagem dos dez primeiros anos de atividades da FAFOPA contou com um conjunto de iniciativas que passavam tanto por questões tiveram tanto, desdobramentos acadêmicos quanto institucionais. Ao mesmo tempo em que, procurava marcar o esforço diuturno que os professores que se encontravam vinculados a esta instituição enfrentavam. Dentre as iniciativas que é possível observar e que marcavam o processo de passagem da primeira década de atividades acadêmicas da faculdade, convém destacar o processo de plenificação dos cursos da instituição que, a partir do final da década de 1970, passou a ser pleiteado junto aos órgãos educacionais reguladores e foi implementado, ocorrendo uma ampliação no campo de formação da Faculdade, pois passava a ser ofertado os cursos de Letras, História, Geografia, Matemática e Biologia. O que causou um aumento de alunos, pois muitos daqueles que haviam se graduado na primeira década dos anos 1970, por exigências legais, necessitavam retornar a FAFOPA para complementar a sua formação, trazendo alunos de diversas regiões do Nordeste.

Outra ação que se inseriu no interior da passagem dos 10 anos de fundação da FAFOPA foi a organização de uma Revista acadêmico científica, mas ao mesmo tempo

institucional denominada Revista Peleja, que teve o seu primeiro número lançado no mês de março ano de 1979. Com relação a essa publicação, deter-nos-emos de maneira um pouco mais demorada, nos seus primeiros seis números, pois compreendemos que a publicação colabora para que possamos pensar em questões referentes ao próprio processo de organização desta IES, além, é claro, de fornecer um panorama a respeito dos interesses acadêmicos que os seus colaboradores possuíam.

REVISTA PELEJA E O UNIVERSO ACADÊMICO DA FAFOPA (1979-1982)

O lançamento da PELEJA revista no ano de 1979, como já destacamos anteriormente cumpria o papel, em grande medida de marcar não somente a passagem pelos dez anos da FAFOPA, mas também como rememorou o professor Alder Júlio (2019) objetivo de fornecer publicidade as pesquisas e aos interesses dos seus docentes, por mais que as questões de pesquisa e extensão não tivessem por parte da instituição uma política implementada, devido às diversas contingências que faziam parte do cotidiano docente e discente dos que encontravam-se na inseridos na FAFOPA.

O próprio nome da revista que, antes da sua formalização, havia sido alvo de debates, com sugestões várias como o do órgão acadêmico denominar-se Antropos, denominação que, segundo o professor Alder Júlio, era mais do seu gosto. Prevaleceu, na verdade, o nome Peleja, não tanto em alusão à compreensão que o termo remonta no universo da poesia sertaneja, mas pelo significado encerrado pela palavra que remontava a dificuldades, que, de forma geral, e até metaforicamente, uma instituição incrustada numa cidade do interior e do sertão atravessava no sentido de fazer concretizar-se a missão do ensino superior, por mais que os desafios que foram postos, conseguiram ser vencidos ao longo deste primeiro decênio.

Quando lançamos uma visão geral a respeito da revista Peleja, para além da diversidade temática que ela condensava e, dos seus objetivos relacionados a fornecer um espaço de publicidade para as reflexões dos seus docentes e, até mesmo colaboração de alunos ou pessoas que não estivessem inseridos no seu corpo docente ou discente.

Um aspecto que nos chama à atenção e o papel reservado a essa publicação em fornecer também um perfil das instituições e das iniciativas projetadas, o que de alguma maneira deixava entrever os desejos e projetos que aqueles que faziam parte da IES acalentavam e idealizavam.

Do ponto de vista da análise da revista, devido a uma questão de recorte temporal, exploraremos os 6 primeiros números, que contemplam um espaço temporal que se desloca de 1979 até 1982. No primeiro número de março de 1979, é possível compreender este periódico com a motivação de construir uma narrativa histórica a respeito da estruturação da IES, as primeiras páginas constituem-se num esforço de rememoração histórica, e nesta perspectiva assumindo um perfil oficial a respeito da FAFOPA, procurando destacar os seus marcos iniciais de organização, esboçando uma forte preocupação em destacar os marcos regulatórios da instituição. Tal preocupação pode ser compreendida como uma estratégia de firmar-se enquanto Instituição de Ensino Superior, dando, assim, validade ao seu trabalho educacional. Os trâmites legais no processo de credenciamento da FAFOPA, mesmo sendo uma Autarquia de Ensino Superior, estando atualmente ligado, à jurisdição do Conselho Estadual de Educação. Ao longo da década de 1970, além da chancela estadual, existia também um parecer de validade que devia ser expedido pelo Ministério da Educação.

Essa “peleja” levada a cabo pelo corpo diretivo da faculdade é extensamente apresentada no número inicial da revista, inclusive apresentando os planos de expansão da instituição, que os seus representantes planejavam seja no processo de estruturação da IES ou da diversificação dos cursos, com a preocupação de disponibilizar a comunidade local e regional, cursos de licenciatura Plena, ampliando, então, o modelo das graduações que inauguraram à FAFOPA. (PELEJA. Arcoverde: 1979, pp.9-12).

Além do texto reconstruir o percurso da FAFOPA ao longo dos dez anos de fundação, a revista destaca nas suas páginas a iniciativa de formalização da mantenedora da Faculdade, figura jurídica que até o ano de 1978 inexistia e foi denominada de Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde, como destaca em depoimento o professor Alder Júlio. Ele avultou que a necessidade de organização da

mantenedora além de se constituir numa exigência ligada a legislação educacional, constituía-se também numa espécie de instituição guarda-chuva que possibilitaria a expansão dos serviços educacionais e da própria estrutura da IES. É possível acompanhar ao longo das edições sucessivas da *Peleja* em seções de notícias sobre a Instituição e na publicação dos relatórios de 1977, 1978 e 1980, ao longo da gestão do professor José Rabelo de Vasconcelos à frente da faculdade, informações que apresentam o desejo de ampliar a oferta dos cursos.

O processo de estruturação da IES, inclusive passava pela construção de um campus, projeto que foi levado a cabo ao longo da segunda metade da década de 1970, quando ainda no relatório de 1977, publicada no primeiro número da *Peleja*, o diretor da FAFOPA noticia a transferência para sede própria, mesmo que ainda não se encontrasse em fase de conclusão. É possível acompanhar nos números sucessivos, o encaminhamento de propostas de ofertar, após realização de carta consulta junto à população da cidade e região da possibilidade de funcionamento do curso de Administração, que segundo só redatores da *peleja* se tratava de uma aspiração da cidade e região, essa notícia era veiculada na seção que publicava as informações da instituição. Pelo texto, os procedimentos pareciam estar muito avançados, uma vez que, na mesma seção noticiava-se a possibilidade de ainda no ano de 1981, o curso já poder ser ofertado. Porém por motivos que não são publicidades, a aspiração do curso de Administração não se materializou, continuando a FAFOPA, a ofertar praticamente até o início do século XXI, cursos na área de licenciatura. (PELEJA. Arcoverde: 1980, p.90).

Desculpas como a de falta de estrutura e mão de obra qualificada para trabalhar como docente, na área de Administração devem ter sido compreendidas como desculpas para que a graduação não tivesse sido autorizada. Porém, é possível empreendermos outra leitura a da compreensão por parte dos órgãos reguladores de educação do Brasil, que procuravam naquela época não patrocinar uma política de ampliação do ensino superior, enquistando nos grandes centros a formação de determinados campos profissionais, que em alguma medida, relacionava-se a campos profissionais que

usufruísem de maior destaque, é o que ainda na contemporaneidade, acontece em algumas campos profissionais, mesmo que nas últimas décadas tivemos incrementado um amplo processo de disseminação e massificação do ensino superior, o que provoca novos desafios, mas ao mesmo tempo, ajuda à que segmentos que antes, eram privados de determinadas formações, pudessem acessar outras formações profissionais.

Saindo um pouco dessa perspectiva, na qual a preocupação era de fornecer uma memória histórica institucional à FAFOPA, podemos observar a parte relacionada a produção acadêmica da revista. Um dado importante de analisarmos, encontra-se no fato de que a *Peleja* se constituía numa revista interdisciplinar, mesmo que esta terminologia, ainda não se encontra tão usualmente utilizada. O escopo temático era diversificado ao longo dos números que utilizamos como referência, é possível localizar artigos que versavam sobre questões do campo das Ciências, da Literatura, Linguística, História, Formação socioeconômica e Folclore, além de contribuições no campo da metodologia científica e do direito.

A preocupação em pensar as questões regionais, com ênfase no lugar do sertão a que se encontrava localizada a IES e ao mesmo tempo os docentes que desempenhavam as suas funções acadêmicas, constituíam-se numa constância temática. Acreditamos que, ao destacar tal identidade, por mais que a estrutura institucional, não tivesse uma política institucionalizada de pesquisa, tais artigos serviam a tal perspectiva, materializando às inquietações próprias daqueles que tinham, uma preocupação em produzir conhecimento que de alguma maneira, relaciona-se as questões locais. Essa preocupação de pertencimento, do ponto de vista temático é possível de localizar de maneira mais direta nos artigos de professores que estavam relacionados à área das ciências sociais-história e que se preocupavam com a área da Cultura e das linguagens.

De forma geral, o lugar ocupado pela *Peleja*, na condição de órgão de divulgação institucional modelou-se dentro desta forma nestes seis números iniciais, a revista teve uma vida relativamente longa, com uma periodicidade irregular, que durou até praticamente o ano de 1992. Um elemento que se destaca, no sentido de, pensarmos o lugar que esse periódico usufruiu no interior de uma cultura escolar, forjada pela

FAFOPA, foi que ela além de se estruturar, enquanto, espaço de publicidade institucional a revista contribui também para marcar o espaço da Faculdade enquanto, espaço de formação profissional e inserir-se no modelo ritual que as instituições de ensino superior possuíam que seria o de apresentar, reflexões dos seus docentes ou de colaboradores, como parte integrante do que é “fazer ensino superior”.

Mas, além desta questão, a Peleja foi um espaço de encontro e sociabilidades intelectuais, dimensões que ajudam a forjar uma revista, ela se constituía também na possibilidade de que “outras vozes”, aquelas que não estavam no centro da produção acadêmica, nas grandes cidades, possuíam de demarcar mesmo estando numa região periférica, suas impressões e reflexões a respeito de temas que de alguma maneira encontravam-se em circulação na sociedade brasileira com suas variações locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que procuramos discutir ao logo do presente texto, procuramos a partir do processo de organização da faculdade de Formação de Professores de Arcoverde, durante as décadas de 1970 e o início dos anos 1980, demarcou o processo de ampliação do ensino superior em Pernambuco, principalmente, no interior de Pernambuco e mais especificamente, no sertão. Dessa forma, compreender a História da FAFOPA é pensar o processo de implantação do ensino e da formação universitária, em espaços geográficos além do litoral, mas também compreender a importância no campo da formação de professores e atuação dos profissionais no processo de ensino-aprendizagem, em regiões que se encontravam, de certa maneira, em desvantagem na ampliação e oferta de educação.

Numa sociedade na qual a educação é principalmente aquela voltada a um grande contingente populacional que vive em situação periférica, é uma conquista recente, o que de alguma medida provoca “novas” questões a serem pensadas. A trajetória histórica da FAFOPA nos ajuda a problematizar e até mesmo, compreender o

papel de vanguarda que esta instituição possuiu no processo de interiorização do ensino superior, mas além deste aspecto, o de aprender e de criar uma certa expertise, na solução de problemas e enfrentamentos de desafios inerentes a ofertar ensino superior nos sertões do Brasil.

REFERÊNCIAS

1. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. 6.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
2. AMORIM, Helder Remígio de. Entre a Mercearia e o Supermercado: memórias e práticas comerciais no Portal do Sertão. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional): Universidade Federal de Pernambuco, 2011.161f.
3. ARCOVERDE – série monografias municipais. Recife: Governo de Pernambuco/FIDEPE, 1982.
4. AZEVEDO, Cecília. *et al.* **Cultura Política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
5. BARRETO, Luiz Gonzaga de Braga. Universidade do Recife – Perfil das unidades no ano de 1946. Recife: Editora Universitária, 1996.
6. BASTOS, Elide Rugai. *et al.* **Intelectuais: sociedade e política**. São Paulo: Cortez, 2003.
7. BLOCH, Marc. **Apologia a História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
8. BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1992.
9. DOSSE, François. **A História**. Trad.Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
10. FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Os Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 1997.

11. KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A; SIMÕES, Julio Assis. (Orgs.). A Escola Livre de Sociologia e Política: Anos de Formação 1933-1953. 2.ed.São Paulo, SP: Sociologia e Política, 2009.
12. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
13. MEIHY, José Carlos S. Bom. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 1996.
14. MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória: Cultura Popular Revisitada. Campinas, SP: Contexto, 2007.
15. MORAES, Roberto. Muirá ubi: Arcoverde: tradução, trajetória e talentos. Arcoverde, 2004.
16. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
17. REVISTA PELEJA. Arcoverde, 1979-1982 (s.n.t.)
18. RIBEIRO, Teofanes Chaves. O Município de Arcoverde. Arcoverde: Prima-Editora, 1951.
19. WILSON, Luis. Minha cidade, minha saudade: Rio Branco (Arcoverde) Reminiscências. Recife: 1972.
20. _____. Município de Arcoverde (Rio Branco) Cronologia e Outras Notas. Recife, 1982.